O PAJUBÁ COMO RESISTÊNCIA LGBTQI+: A APROPRIAÇÃO DO PAJUBÁ NA COMUNICAÇÃO ENTRE LGBTQI+ QUE FAZEM PARTE DE UM COLETIVO NA CIDADE DE JATAÍ/GOIÁS

Hugo Ribeiro de Souza, Catharina Gomes Araújo Faria, Jéssica Marques da Costa, Kamilla Luiza Lima

hribeirosouza23@gmail.com, cathariagomes@outlook.com.br, jessicamarquescosta0@gmail.com, limakamillaluiza@gmail.com

Coletivo Luana Muniz, Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí, Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí, Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí

O Pajubá se encontra enquanto uma variação linguística do Iorubá, uma língua antiga falada em alguns lugares pelo mundo mais presente no sudoeste do continente africano. O Iorubá veio para o Brasil por meio do processo de escravidão com o comércio transatlântico, e se tornou por meio da cultura um elo entre os negros que estavam no Brasil e seu lugar de origem para sua ancestralidade. Um aspecto importante da cultura são as religiões de matriz africana, concedendo aos povos uma noção de laços familiares nos terreiros devido ao sofrimento vivido no regime escravista.

Os homossexuais e as travestis começaram a frequentar os terreiros de candomblé, em geral, pela abertura e aceitação que eram dirigidas a eles, visto que, assim como as filhas e filhos de santo do terreiro, eles também estavam à margem. Segundo Yeda Pessoa de Castro, foi a partir dessa conjuntura que o dialeto do Pajubá se constitui: o contato entre o Iorubá praticado nos terreiros do candomblé e a comunidade LGBT+, tornando-se um código de resistência. Veremos com Geertz (1989) os aspectos que definem cultura (uma maneira de pensar, sentir e acreditar bem como abstração do comportamento) permeando o Pajubá e o tornando uma cultura.

A sociolinguística é um campo da linguistica responsável pelo estudo entre a língua e a sociedade, sendo ela uma instituição social dependente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas proibida por não fazer parte da língua culta (convencionada pela sociedade como formal através de sua gramática), já a segunda é aceita pela sociedade e comum a vários grupos. A partir disso o Pajubá seria um conjunto de gíria de uma comunidade, tomada como uma linguagem proibida.que a

utilizam como meio de comunicação (Cezario & Votre, 2009). Para Araújo (2008) a gíria se divide em dois tipos: a gíria de um grupo e a gíria comum. A primeira é considerada uma língua

A gíria de um grupo pode ser transformada em comum pois a linguagem está em constante "atualização" (Araújo, 2008) como, por exemplo, em programas de reality show que tem um grande alcance nacional, onde um grupo menor ao se expressarem pela fala o país acaba absorvendo-as e as transformam de uso em comum por todos. Assim como as outras línguas, o português brasileiro é munido de inúmeras variações. A língua ensinada nas escolas não é a única e pura, muito menos a padrão, estudar apenas essa forma é excluir os demais complexos de variedades (Honorio, 2009). Diante disso, temos o Pajubá como uma variante linguística utilizada pela comunidade LGBT+, com suas próprias gírias e estruturas. Seus falantes a utilizam para falar entre si ou como código para que os outros ao redor não entendam. Sua formação vem da ressignificação do Iorubá, além de novas palavras e expressões que seus falantes adicionam – proveniente, em sua maioria, da linguagem da internet e dos "memes".

Um ponto a ser levantado sobre a linguagem é o fato de que um mesmo significante pode possuir diferentes significados, diferenciando-se conforme o contexto e a comunidade que está inserido. Por exemplo, a palavra "erê" vem do Iorubá e hoje é falada tanto na umbanda quanto no Pajubá, possuindo no primeiro o significado de criança e no segundo de adolescente. Outras como "viado" se refere ao gay, mas pode ser usado de forma pejorativa ou sem menosprezo, dependendo do emissor. Por fim, cabe salientar que o uso do Pajubá não é incorreto. Ele representa o quanto a língua é viva e cheia de redefinições.

A história do movimento LGBT+ no Brasil é permeada por desafios e conquistas na sociedade civil desde o fim da década de 70. Suas dificuldades são desde a luta contra a discriminação e a violência até a organização formal de associações, bem como o surgimento de grupos dentro da academia que faziam a junção ativismo e pesquisa (Facchini, 2009). Com base nas considerações e no histórico do movimento LGBT+ um grupo de pessoas se articularam na cidade de Jataí/GO no ano de 2017, criando assim um coletivo com o nome "Luana Muniz".

Enquanto grupo, a comunidade LGBT+ se apropriou de outras línguas visando uma demarcação/afirmação e também a ruptura de paradigmas constituídos socialmente.

Cruz & Tito (2016) selecionaram termos em Iorubá comumente falados nas religiões de matriz africana como o candomblé e a umbanda e apropriadas no meio LGBT+ das regiões nordeste (Bahia, Pernambuco e Maranhão) e sudeste do país. Procuramos utilizar os mesmos termos em Iorubá pesquisado nessas regiões do país para identificar no coletivo "Luana Muniz" quais são as mais utilizadas e se há alguma outra que não esteja nessa lista e que é falada pelo grupo.

Sendo assim foi feito um questionário intitulado "Pajubá: significações que caracterizam uma resistência" por meio do Google Forms composto por cinco perguntas, as quais veremos abaixo com a discussão dos resultados. Este questionário foi enviado em um grupo de aplicativo de comunicação (WhatsApp) do coletivo e respondido entre os dias 18 de fevereiro à 04 de março de 2018, sendo que de 67 integrantes apenas 35 responderam.

A sexualidade e a identidade de gênero foram duas categorias colocadas no questionário, tendo a sua importância para identificação dos integrantes do grupo, visto que na história do Pajubá quem mais utilizou foram homens homossexuais e as travestis. A partir dessas informações, conforme o resultado do questionário, veremos também quem o utiliza.

Como resultado temos: a maioria das respostas foram feitas por homossexuais (45,7%), em segundo lugar por bissexuais (28,6%), em terceiro por lésbicas (20%) e por último por heterossexuais (5,8%). Importante ressaltar que o questionário foi direcionado somente para o público LGBT+, sendo assim as pessoas heterossexuais que responderam são pessoas trans.

A maioria das respostas foram feitas por pessoas cisgêneras (74,3%), em segundo por pessoas trans não-binaries (17,1%) e por último por pessoas trans (8,6%). Na terceira pergunta "Quais dessas gírias você usa?" utilizamos a lista de termos/gírias dos autores Luan CRUZ e Raphael TITO (2016), a maioria das pessoas que responderam não utilizam nenhuma das gírias (57,1%). Apenas as gírias *amapô, aqué, equê, erê, ocó* e *odara* foram as mais utilizadas de todas as outras (*ajuem, quelê, ojó e otim*).

Na quarta pergunta "Você usa outra gíria que não foi encontrada neste formulário? Se sim coloque o nome e o significado dado a gíria", as respostas nos levam a crer que sua origem seja da mídia e redes sociais como, por exemplo,

"Lacrou/close certo. Usadas quando alguém toma uma atitude boa para com a outra", "Que tiro: algo muito bom". Na quinta e última pergunta "Alguma crítica sobre o Pajubá e/ou a esse formulário?" não foi obtida nenhuma crítica que levasse a reformulação do questionário e sim elogios e surpresas por terem conhecido termos novos. Uma das respostas foi "*Pajubá é vida. Parabéns pelo trabalho!"*.

Percebemos que o Pajubá além de estar presente na comunidade LGBT+ das regiões citadas também se encontra no cotidiano do coletivo "Luana Muniz" como meio de socialização, os distinguindo de qualquer grupo social, proporcionando assim a afirmação da existência de cada pessoa LGBT+ do coletivo. A cultura do Pajubá presente no coletivo o transforma em um grupo com gírias incomuns, e mesmo tendo poucas respostas quanto ao conhecimento e apropriação delas a maioria dos integrantes não as utilizam.

Isso nos leva ao questionamento de qual a causa que leva/levou a maioria ao desconhecimento e não utilização das gírias em seu cotidiano, tornando assim um tema a ser pesquisado. Podemos a partir desse dado investigar o local (Jataí/GO) em que residem as pessoas do coletivo, se a cidade possui um histórico de violência aos LGBT+ e se os mesmos estiveram/estão em situação de violência. Pois podemos conjecturar que a partir de uma cultura de violência aos LGBT+ haveria um silenciamento dessas pessoas, ocasionando a não utilização do Pajubá no cotidiano das mesmas.

Uma outra questão que percebemos depois dos resultados foi a falta de uma categoria que nos teria ajudado e ampliado o debate, que era a categoria "cor" além das outras já identificadas como "identidade de gênero" e "orientação sexual". Por meio da categoria "cor" poderíamos falar sobre temas específicos ou que surgiriam que perpassam vidas negras como, por exemplo, o preterimento da mulher negra, relacionamento interracial e entre negros/as, etc. Sendo assim, fica a critério para pesquisa futura para ampliação do debate todas esses questionamentos e hipóteses referentes à violência aos LGBT+ e com recorte racial também.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. Chats na Web: A Linguagem Proíbida e a Queda de Tabus. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v.8, n.2, p. 311-334, maio/ago. 2008.

CASTRO, Y. P. de. **Falares africanos na Bahia:** um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks. 2005.

CEZARIO, M. M. & VOTRE, S.. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, L. & TITO, R. P. A Comunidade LGBT+ no Desdobramento da Língua Iorubá. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA, 2., CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 20., 2016, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016. p. 9-21. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_12/_CNLF_XX_12.pdf>. Acesso em: 04/03/2018.

FACCHINI, R. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT+ brasileiro. **Revista Bagoas**, v.0 n.4, p. 131-158, 2009. GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HONORIO, Ceci-M. A. Ensino de língua(s) e identidade: entre o real e o imaginário. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (orgs.). **Estudos da linguagem e currículo:** diálogos (im)possíveis. Ponta Grossa: EDUEPG, 2009.